

Especial

Juventude em foco

Entre os jovens, a epidemia cresce, marcada pela descontinuidade do uso de Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e pela maior vulnerabilidade. A não adesão ao medicamento oral que reduz significativamente o risco de contrair o vírus é mais expressiva entre pessoas negras e pardas, o que evidencia desigualdades estruturais. Além disso, serviços de saúde, muitas vezes, são de difícil acesso, atravessados por estigma, discriminação, homofobia e transfobia.

No atendimento a adolescentes de 15 a 19 anos, as equipes de saúde enfrentam um dilema entre a necessidade de envolver familiares no processo e, ao mesmo tempo, a urgência de proteger jovens em contextos de rejeição ou violência doméstica. Para lidar com isso, foi estabelecido um protocolo que garante segurança jurídica e cuidado integral, com respaldo do Juizado da Infância e da Adolescência. A medida permite que, em situações de risco, não seja exigida a autorização de responsáveis, evitando expor o adolescente a mais sofrimento. Essa flexibilização reconhece a vulnerabilidade particular de jovens que já enfrentam preconceito, como é o caso das meninas trans.

Apesar desse cenário de desafios, a experiência da médica com mestrado em saúde pública e doutorado em epidemiologia Maria Inês Dourado ao longo dos anos tem revelado um outro lado: a presença de familiares que se mostram dispostos a apoiar. "Trazer um familiar que agride ou rejeita o jovem só pioraria a situação. Nesses casos, não exigimos. Mas, ao longo desses oito, nove anos, temos tido experiências muito positivas: mães, avós, irmãs que acompanham, querem saber e estão prontas para assinar o termo de consentimento junto com o adolescente."

Prevenção além do preservativo

A PrEP e a PEP (Profilaxia Pós-Exposição de Risco), tratamento de urgência com medicamentos que deve ser iniciado em até 72 horas após uma possível



exposição ao HIV, revolucionaram a forma como os especialistas falam de prevenção. Eles saíram de um discurso centrado apenas no medo da transmissão para outro, de autonomia e cuidado, pois a PrEP, em especial, tem ajudado milhares de pessoas a viver sua sexualidade com mais liberdade e segurança. "Hoje, nós falamos em comprimidos únicos ao dia, baixa toxicidade e expectativa de vida praticamente igual à população geral. Além disso, surgem novas tecnologias, como os injetáveis de longa duração, que dão mais autonomia e liberdade para as pessoas que vivem com HIV", afirma o infectologista Vinícius Borges.

Maria Inês acredita que o preventivo de longa duração é justamente a tendência para os próximos anos. "Temos excelentes antirretrovirais já em estudo, como o cabotegravir, aplicado a cada dois meses e, em breve, a cada quatro; o lenacapavir, que pode ser a cada seis meses ou até anualmente; e até pesquisas de comprimidos mensais. Isso facilita a adesão dos jovens, porque tomar um comprimido todo dia nem sempre é fácil de incorporar à rotina. Além disso, a vida sexual é dinâmica: às vezes, você precisa da PrEP por um ano, depois não, e pode voltar a precisar mais tarde. Esse é o chamado 'uso efetivo da PrEP'."

A PrEP é para todas as pessoas acima de 15 anos, com mais de 35kg, que desejam se proteger da infecção pelo vírus HIV nas relações sexuais. No entanto, segundo Vinícius, ela é mais indicada para quem se expõe a situações de maior risco, como múltiplos parceiros, sexo anal ou vaginal sem camisinha, parceiro vivendo com HIV que não está em tratamento, ou histórico de ISTs de repetição.

Para Vinícius Borges e a médica infectologista Maria Felipe Medeiros, mais do que critérios técnicos, se a pessoa sente que a PrEP vai trazer tranquilidade e segu-

rança para sua vida sexual, ela já é uma candidata. "Quem precisa usar PrEP é quem acha que está vulnerável ao HIV, independentemente do número de relações, de com quem se relaciona ou de onde. É você olhar para a sua vida e entender se pode se expor ao HIV", afirma Maria Felipe. "Toda pessoa com vida sexual ativa pode se expor, mesmo utilizando preservativo. Por isso, todas as pessoas com vida sexual ativa deveriam pensar na prevenção do HIV e de outras ISTs."

Além disso, as pessoas devem se aconselhar com profissionais de saúde, como médicos, enfermeiros e até via teleatendimento, para decidir se precisam ou não da PrEP em determinado momento. De acordo com Maria Inês, há quem precise da PrEP diária, outros preferem sob demanda, dependendo de como organizam sua vida sexual.

O biotecnologista Pedro Andrade (nome fictício), 29, faz uso de PrEP, mas não de forma regular. Em um relacionamento estável, ele utiliza apenas quando ele e o namorado abrem o relacionamento e têm relações sexuais com terceiros. Para ele, o medicamento nunca acarretou efeitos colaterais, então a experiência foi mais tranquila.

O primeiro contato de Pedro com a PrEP foi em 2019, no ambulatório do Hospital Universitário de Brasília (HUB). De acordo com ele, descobriu que o SUS tinha começado a distribuir o medicamento por meio de conversas com outros homens gays e foi atrás de pontos de distribuição. Para ele, a conversa sobre o preventivo ainda é muito nichada à comunidade LGBTQIAPN+. "Ainda hoje, eu me deparo com muita desinformação e ignorância sobre pessoas soropositivas e também sobre os métodos de prevenção. Muitos sequer sabem que um medicamento como a PrEP existe e que é distribuído gratuitamente pelo SUS."